

JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS

População reage e faz valer a própria lei

Sensação de impunidade impele a comunidade a reprimir o crime com as próprias mãos

PEDRO BARROS
Repórter

“Lincha, lincha, mata, mata, esfolá, esfolá”. Quando essas palavras ecoam, uma cena chocante está sendo protagonizada e diante de uma multidão enfurecida, uma ou mais pessoas estão sendo punidas

por suas ofensas, delitos, por um crime. Na maioria das vezes de forma tão bárbara quanto o crime que cometeram. Outras vezes basta o furto de produtos num supermercado e quando o espertalhão ou mesmo necessitado, não há espaço para justificativas, é descoberto tem início uma perseguição. Alcançado, logo em seguida uma sessão de espancamento tem início. Embora, não haja uma estatística, a cena acima tem sido frequente em nossa cidade como mostra os noticiários.

Como modelo dessas ocorrências, vamos citar o caso

registrado pelo portal Mais.al, ocorrido no dia 26 de agosto no, residencial Parque das Árvores, Conjunto Graciliano Ramos. Por volta das 11h30 Manoel Messias de Lima, 49, praticou um furto em um mercadinho da localidade e já estava em sua bicicleta, a poucos metros do estabelecimento comercial, quando foi alcançado por seguranças e funcionários.

Derrubado da bicicleta ele foi atacado pelos homens que impiedosamente assumiam naquele momento o papel de acusador, advogado e juiz. “O que mais chamou a aten-

ção foi a participação de um adolescente no linchamento. O garoto talvez tivesse uns 12 anos, não mais que isso. Ele partiu para cima do homem deu vários chutes e depois saiu sorrindo como se nada tivesse feito”, relatou uma testemunha do caso que preferiu não se identificar. Ele disse ainda que a população assistia a tudo sem fazer nada. Em situações desse tipo há um consenso coletivo para a punição do delinqüente. “Há uma aceitação social ao linchamento”, afirmou Ruth Vasconcelos, coordenadora do Programa Ufal em Defesa da Vida.



Derrubado da bicicleta, assaltante foi atacado por homens que assumiam, naquele momento, o papel de acusador, advogado e juiz

Descrédito na lei gera inquietação na sociedade

Segundo a pesquisadora o descrédito na aplicação das leis e a sensação de impunidade gera inquietação na sociedade e impele a população a reprimir o crime com as próprias mãos. “O medo de ser atacado gera o ódio social. As pessoas que cometem

crimes passam a ser ‘vítimas’ do ódio social e da intolerância”, afirmou.

Quando todos os atores da cena acima estiverem em ação o Estado nesse instante deixa de existir. Abre-se um portal e como numa viagem histórica o homem volta

ao obscurantismo, ao seu estado mais primitivo e bruto na essência da palavra. Neste cenário a razão deixa lugar para a cólera, o que impera é a lei da brutalidade, a vingança, a barbárie. Considerações filosóficas à parte, o ato de fazer justiça com as

próprias mãos, nos remete ao primitivismo, onde a solução de um conflito ou a punição para um ato criminoso era alcançado, não pela lei, mas através da “vingança privada”.

Continua na página A11

Thiago Sampaio



Ruth Vasconcelos é coordenadora do Programa Ufal em Defesa da Vida